

**A ESTILÍSTICA DOS POEMAS  
DE ISMAEL DE LIMA COUTINHO:  
UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA**

*Aurora Maria Alves Pinto* (UEMS)

[amapinto\\_jar@yahoo.com.br](mailto:amapinto_jar@yahoo.com.br)

*Ariane Wust de Freitas Francischini* (UEMS)

[aajaraguari@hotmail.com](mailto:aajaraguari@hotmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

Este trabalho tem a finalidade de apresentar as contribuições da historiografia linguística da língua portuguesa a partir da análise dos poemas de Ismael de Lima Coutinho, escritos nas primeiras décadas do século XX. Para tanto será realizado um estudo do campo da estilística semântica, com base nos princípios metodológicos de Konrad Korner (1996) contextualização, imanência e adequação. Compreendemos a estilística como parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o estilo. Os parâmetros estabelecidos por Konrad Koerner (1996) são importantes para organizar e nortear os elementos de pesquisa, pois apresentam o objeto em sua essência, a compreensão histórica e social da época. Utilizaremos também como suporte teórico os pressupostos de Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1978), José Lemos Monteiro (2009), Evanildo Bechara (2005) Eduardo Carlos Pereira (1956) entre outros autores.

**Palavras Chaves:** Estilística. Historiografia linguística. Koerner.

**1. Introdução**

Neste artigo apresentamos um breve estudo sobre as contribuições da historiografia linguística da língua portuguesa a partir da análise estilística dos poemas de Ismael de Lima Coutinho.

Compreendemos a estilística como parte dos estudos da linguagem que se preocupa com o estilo. Como metodologia da pesquisa adotamos os princípios de Konrad Koerner: contextualização, imanência e adequação. Esses parâmetros serão importantes para organizar e nortear os elementos de pesquisa, pois apresentam o objeto em sua essência, a compreensão histórica e social da época.

## **2. Aspectos históricos da estilística**

A partir do século XX que a estilística passou a configurar como disciplina ligada à linguística. Alguns autores, como Joaquim Mattoso Câmara Júnior, Pierre Guiraud e Charles Bally destacam semelhanças entre seus aportes conceituais e alguns preceitos da Antiguidade que já apontavam interesse pela questão da linguagem, a exemplo de obras como os poemas homéricos e a retórica. Pierre Guiraud (1970, p. 13) aponta a identidade da moderna estilística com a antiga retórica ao analisar que:

O conjunto dos processos de estilo constituía, entre os antigos, o objeto de um estudo especial, a retórica, que é a arte da linguagem, uma técnica da linguagem considerada como arte; simultaneamente, gramática da expressão literária e instrumento crítico para a apreciação das obras.

Assim já existiam na retórica aspectos da estilística tais como o desvio, a escolha, a expressividade e o efeito provocado no leitor ou ouvinte.

Sob a mesma perspectiva, José Lemos Monteiro (2009, p. 10) considera os gregos e romanos como precursores dos estudos de ordem estilística, dando especial destaque à contribuição de Aristóteles:

Com efeito na retórica, Aristóteles firma os princípios para o uso expressivo da linguagem, ressaltando o senso de equilíbrio na simplicidade, a clareza, a elegância e a propriedade como atributos do discurso capaz de envolver e persuadir. Na *Poética*, analisa em essência a questão dos gêneros literários em três ângulos fundamentais: a) a poesia em geral; b) a exegese da tragédia; c) as regras e os valores da epopeia.

José Lemos Monteiro (2009, p. 11) destaca o autor romano, Quintiliano na obra *Institutiones*, em que defende o uso harmonioso da língua, ressalta as figuras, o ritmo da prosa e admite que a beleza é inseparável da utilidade.

Para Santo Agostinho, figura representativa do período patrística segundo José Lemos Monteiro (2009, p. 11), a retórica quando mal-empregada causava mal ao ser humano, por isso a colocou a serviço da dialética cristã.

Eduardo Carlos Pereira (1956, p. 397), no Apêndice de sua *Gramática Expositiva – Curso Superior*, traça um paralelo entre sintaxe e estilística, apresenta a beleza da expressão estética no manejo artístico das

palavras, gerando o estilo que traz cunho particular do escritor, ou seja, traço individual peculiar ao sujeito.

Para o autor o estilo é dividido em matéria, forma e história.

No tocante à matéria o estilo será:

a) poético: epopeia, lírica e drama;

b) prosaico: didático, histórico e oratório.

Quanto à forma considera a qualidade e a quantidade na maneira de expressar o pensamento. A qualidade terá um estilo simples, moderado e sublime, já a quantidade será precisa, concisa, redundante e média.

Para a história, o estilo é reconhecido pelas correntes literárias, que na época dividia-se em medieval, clássica e romântica.

Outro aspecto destacado são as qualidades boas (nobreza, correção, precisão, decoro, clareza e harmonia) e as especiais (simplicidade, elegância e sublimidade). Serão trabalhados no aspecto da sublimidade três figuras do pensamento: metáfora, metonímia e sinédoque.

Observa-se que a estilística até então não era uma disciplina pois Eduardo Carlos Pereira (1956) tratava desta como anexo em sua gramática.

É no final do século XX que a estilística se define como disciplina autônoma. Segundo José Lemos Monteiro (2009, p. 12), origina-se como doutrina crítico literária com Alexander Gottlieb Baumgarten, quando pública o livro *Aesthetica*, pondo fim à retórica clássica e delineando novos rumos dos estudos do estilo. A estilística é, pois, a nova direção que os estudos crítico-literários e linguísticos tomaram com o objeto de esclarecer os múltiplos mistérios que a obra poética encerra e que a crítica de tipo tradicional ignorava quase completamente.

O investigador do estilo deve ser uma alma aberta a todos os horizontes, um espírito vivo e alerta ante o mundo de sensações, emoções e volições que a obra literária possa despertar, e quanto mais compreensão de sua cultura maiores são possibilidades expressivas de desvendar a arte estilística.

Com aquisição de status de disciplina haja vista a disputa do objeto de estudo que se divide em duas vertentes: a descritiva e a genética idealista. Segundo José Lemos Monteiro (2009, p. 13), citando Pierre

Guiraud:

consiste em que, enquanto a primeira estuda as relações da forma com o conteúdo, não ultrapassando o fato linguístico em si mesmo, a segunda se volta para as causas do fenômeno da expressividade, analisando o universo psicológico do autor de uma obra literária.

Surge um novo estudo de estilística, fundado numa dicotomia: de um lado aparece a estilística da expressão ou estilística descritiva, a qual relaciona a forma e o pensamento geral; do outro lado, a estilística individual, também chamada estilística genética, voltada para a crítica da expressão com fins literários. Diferenciando-se assim da prosa pelo caráter perceptível da sua construção pela disposição e combinação das palavras.

José Lemos Monteiro (2009) ainda delinea:

a) A estilística poética, entende como base metodológica da análise da linguística descreve os níveis estruturais da linguagem poética orientando a busca da literariedade/expressividade literária.

b) A estilística semiótica a qual transcendeu os limites da frase ou verso, nos textos literários buscando analisar a expressividade nos mais variados tipos de mensagens oriunda de quaisquer sistemas de signos (semiótica), neste conceito aplica-se a qualquer tipo de linguagem principalmente da artística e da organização das obras como um todo e da tipologia do discurso literário.

c) A estilística estatística método de aferir versões e comparar traços estilísticos pois é pela frequência das palavras ou de elementos da língua que o escritor age sobre o leitor o estilo resultante de um desvio que define quantitativamente em relação a norma. A noção de originalidade é dada pelo desvio reduzido que permite seleção das palavras chaves mais relevantes.

No Brasil, a obra pioneira dos estudos estilísticos foi a de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, *Contribuição a Estilística Portuguesa*. Para ele, a base sólida da estilística foi publicada por Charles Bally, onde o estilo foi caracterizado não pelo contraste individual x coletivo, mas sim, pelo contraste emocional em face do que é intelecto. Para Joaquim Mattoso Câmara Júnior, o estilo se caracteriza em regra como desvio da norma linguística.

Além de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, destacam-se, no Brasil, na década de 1970, os trabalhos de uma estilística da e para a língua portuguesa de Gladstone Chaves de Melo. Também Rodrigues Lapa e Sil-

veira Bueno, ambos criticados por Gladstone Chaves de Melo como defensores de compêndios de recursos da língua, não considerando suas obras como referências para os estudos estilísticos.

### **3. *Estilística e seu objeto***

A estilística como ciência tem seu objeto de estudo determinado, embora muitos especialistas do assunto, acham-na de difícil delimitação em razão da diversidade de suas acepções. Mas, uma análise mais minuciosa, permitirá dizer que a raiz da palavra Estilística, está ligada às letras e aos fonemas que a compõe. A palavra nos lembra Estilo. E é exatamente esse o seu objeto de estudo.

Tem-se, então, o objeto de estudo, que é o efeito expressivo na matéria-prima que é a língua. Diversos estudiosos do assunto mantêm a opinião de que só a Estilística, entre todas as disciplinas antigas, é a que mais deve merecer o nome de ciência, pois a grande extensão das observações, a sutileza da análise, a precisão das definições, o rigor das classificações constitui um estudo metódico dos recursos da linguagem, cujo similar não se encontra em qualquer dos outros conhecimentos daquela época.

Há de se enfatizar que, poucos estudiosos brasileiros se dispuseram a elaborar uma metodologia de análise estilística que atendesse exclusivamente a língua portuguesa. Todos os estudos existentes, até hoje, têm como fundamentação teórica várias teorias estilísticas feitas em outros idiomas, que nem sempre podem ser aplicadas ao português, e as adaptações de metodologias ficam empobrecidas face a riqueza de ideias e colocações expresas pelos nossos escritores.

Evanildo Bechara (2005, p. 347) define estilo como “conjunto de processos que fazem da língua representativa um meio de exteriorização psíquica e apelo”. Essa concepção fundamenta-se na lição de Charles Bally que entende que a característica do estilo é o contraste entre o emocional e o intelectual. Uma não é a negação da outra se completam no estudo dos processos do material que o homem utiliza na exteriorização das ideias e sentimentos.

José Lemos Monteiro (2009 p.41) citando Murry aponta três linhas para a análise do estilo a) – conjunto de traços característicos da personalidade de um escritor (estilo como idiossincrasia), b) – tudo aquilo que contribui para tornar reconhecível o que alguém escreve (estilo

como técnica de expressão); c) – realização plena de uma significação universal de uma expressão pessoal e particular (estilo como realização literária). Salienta ainda que cada língua tem seu próprio estilo e repertório de propriedades em seu esquema de escolhas. Os recursos expressivos são variáveis e caracterizam a fisionomia de cada língua. E que não há línguas mais harmoniosas ou foneticamente mais belas que outras ou sonoridade melhor e que em qualquer idioma é possível produzir textos literários com elevada expressividade desde que o escritor saiba manejar poeticamente os recursos de cada sistema.

#### **4. Traço estilístico**

De acordo com Evanildo Bechara (2005, p. 348), traço estilístico é “o conjunto de particularidades do sistema expressivo para eficácia estética recebe o nome de traços estilísticos”, ou seja, é uma marca pessoal, uma idiosincrasia no uso da língua escrita ou falada.

Na literatura, o reconhecimento dos estilemas é fundamental para análise de obra pela sua originalidade e também do estilo do autor. Como este criam e utilizam as figuras, no emprego de determinada palavra na criação de neologismos nas ironias e humor e nos desvios poéticos.

A norma ocupa a área de maior concentração dos dados, enquanto o desvio tem índices menor. Constituem a norma aqueles hábitos, construções ou usos da maioria de uma população, enquanto os desvios são as alterações devidas ao desconhecimento, lapso de memória ou cansaço mental ou aquele com intuito expressivo. Assim escrever bem e criar estilo não se reduz simplesmente em desrespeito às convenções normativas gramaticais, mas em saber como é possível infringi-las para ser um eficaz recurso estético.

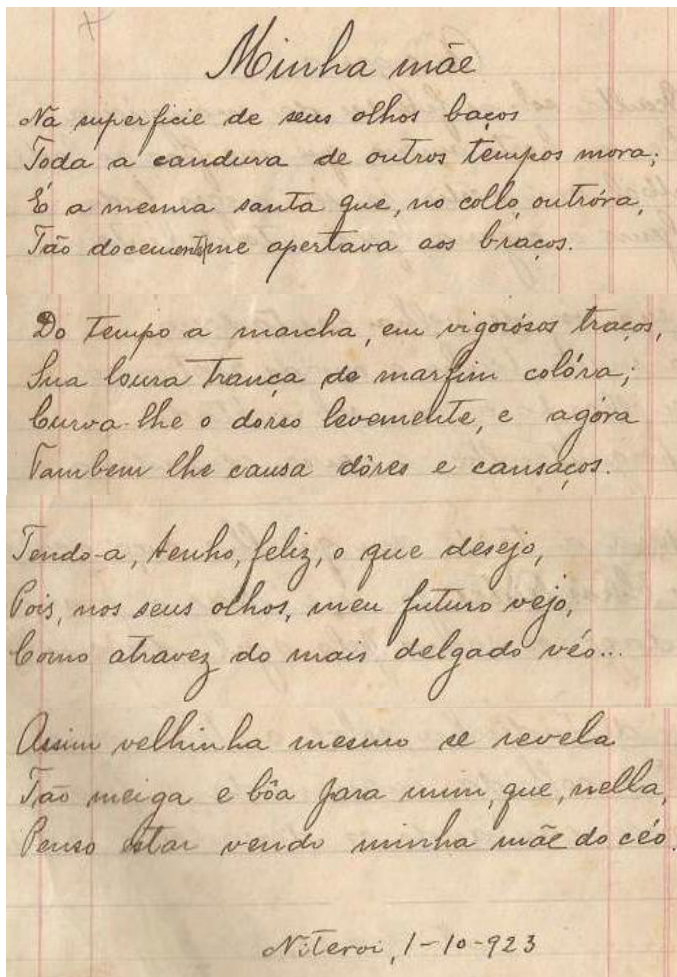
Evanildo Bechara (2005 p.618) divide a estilística em 4 campos: Fonética, Morfológica, Sintática e Semântica. Focaremos no Campo da Estilística Semântica e divide-se em a) “significação ocasional e expressiva de certas palavras” e b) “no emprego expressivo das chamadas figuras de palavras ou tropos (metáfora, metonímia, etc., e figuras de pensamento e sentimento (antítese, eufemismo, hipérbole etc.)”.

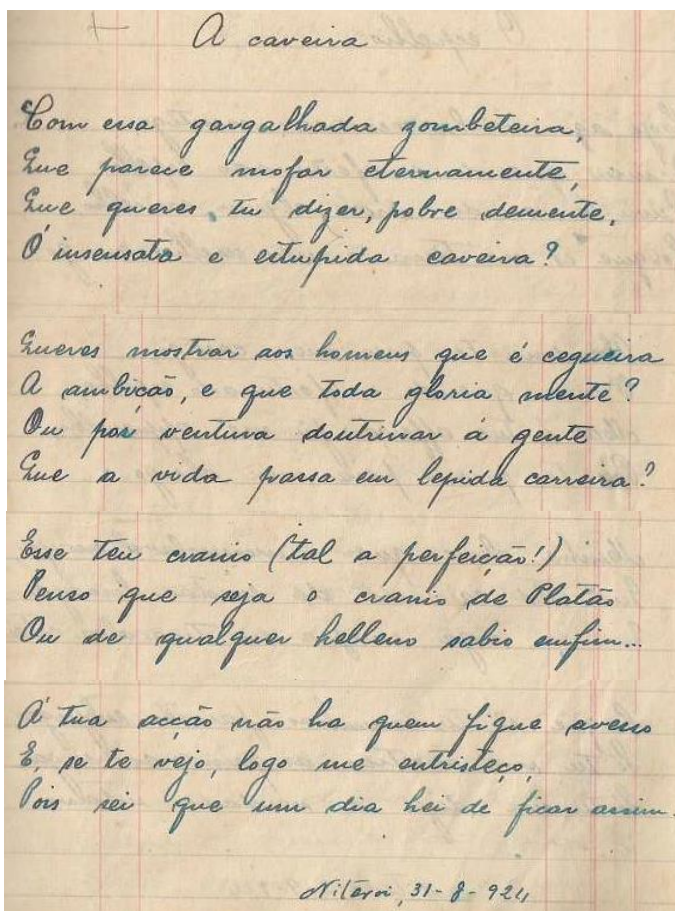
Eduardo Carlos Pereira (1956, p. 397) “estilo é o modo peculiar de dar cada escritor expressão a seus pensamentos”. O estilo começa sendo um “modo peculiar de dar expressão”, torna-se “maneira de combinar”, enfim, uma escolha que define a individualidade de um sujeito.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para análise nos deteremos no aspecto da Sublimidade no qual estão as figuras de pensamento destacadas por Eduardo Carlos Pereira (1956): metáfora, metonímia e sinédoque.

Alguns exemplos em Ismael de Lima Coutinho do livro de poemas *Silhuetas*:





Dos poemas supracitados

a) Metalinguagem: “Na superfície de seus olhos baços” recurso estético que põe diante de nossos olhos o cansaço profundo da mãe que envelhece.

b) Metáfora: “Do tempo a marcha, em vigorosos traços” é o tempo vincando sonhos desfeitos e a esperança e deixando suas marcas no rosto, nas mãos.

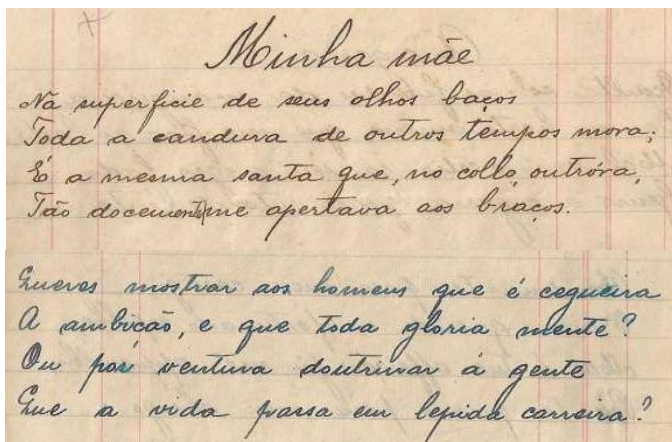


## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

c) Metonímia: “toda a candura de outros tempos mora” ainda tratando de olhos neles moram docura, pureza de tempos de outrora que neles se escondem.

d) Sinédoque: “o teu crânio (tal a perfeição!) Penso que seja o crânio de Platão. Ou de qualquer helleno sábio enfim” ao olhar para os ossos do crânio no poema Caveira vê os homens sábios gregos.

e) Versos com rimas perfeitas com completa identidade dos sons finais nos dois poemas apresentados. Sendo rimas Opostas (enlaçadas) ou seja medeiam dois outros versos também rimadas cujo esquema abba:



Eduardo Carlos Pereira não a vê a estilística como disciplina, pois a traz como apêndice em sua gramática, tanto que nem a define, apenas traça um paralelo com a Sintaxe, já em Evanildo Bechara ganha status de ciência e é dividida em quatro campos. Na análise do campo da estilística semântica em Evanildo Bechara, vemos que as figuras de palavras: metáfora, metonímia enquanto Eduardo Carlos Pereira as vemos como figuras de pensamento acrescido da sinédoque, que hoje é vista como um caso especial de metonímia, não sendo muito usual.

### **5. Considerações finais**

A estilística enquanto disciplina é relativamente nova, surge apenas no final do século XX, podemos até dizer que a Estilística é um dos ramos mais modernos da ciência da linguagem, o qual se desenvolveu

muito tardiamente, tendo como objeto o estudo do estilo, ou seja, o livre expressar-se.

Sua essência está no romper limites, fantasiar, permitindo-se brincar com as palavras e expressões, dotando-lhes de musicalidade, tornando-as, algumas vezes, tristes outras engraçadas, dando-lhes uma estética que as torna “arte”.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

GUIRAUD, Pierre. *A estilística*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da Anpoll*, Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 02, p. 45-70, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. 2. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2009.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva: curso superior*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1956.